

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Gabriel Borba Luzzi

**RESPIRO, SONHOS E CAMINHOS: uma vivência no Programa Mais Educação
e outros caminhos na educação junto ao pensamento decolonial**

Trabalho de Conclusão de curso
apresentado ao Departamento de
História da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, como requisito
parcial para obtenção do grau de
licenciado em História.

Orientador: Adolar Koch

Porto Alegre

Outono 2018

Gabriel Borba Luzzi

**RESPIRO, SONHOS E CAMINHOS: uma vivência no Programa Mais Educação
e outros caminhos na educação junto ao pensamento decolonial**

Trabalho de Conclusão de curso
apresentado ao Departamento de
História da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, como requisito
parcial para obtenção do grau de
licenciado em História.

Orientador: Adolar Koch

Banca Examinadora:

Prof.

Prof.

Porto Alegre

Outono 2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Gaia, as crianças, as minhas avós, mãe, tias, pai e tod@s que abarcam o meu caminho. É sobre ciclos, ensinamentos que brotam do ventre da terra, sobre o alimento, onde tudo dá. Gracias a la vida que tem me dado tantas oportunidades para transformar o que não é para estar mais. Força para caminhar. Do tanto que vou conhecer de mim e dos mundos, seguimos.

RESUMO

Esses escritos visam abrir o importante diálogo sobre a Educação e os modos de fazê-la levando-se em conta a tradicional maneira com a qual é organizada. Embasado no conceito emergente do decolonialismo e seus rizomas, teço uma análise crítica à alguns pontos que dizem respeito ao pensamento de criação e implementação do Programa Mais Educação. Ademais, neste presente trabalho também está contida e minha história, minhas transformações e minha experiência no mesmo projeto, atuando como educador no ano de 2015, com um projeto que mesclava Ensino de História e Música.

Palavras chaves: Transformação, Decolonialismo, Movimento, Mais Educação.

RESUMEN

Estos escritos buscan abrir el importante diálogo sobre la Educación y los modos de hacerla, teniendo en cuenta la tradicional manera por la cual es organizada. Basado en el concepto emergente de ‘decolonialismo’ y sus rizomas, tejo un análisis crítica a algunos puntos que tienen que ver con el pensamiento de creación y implementación del Programa Mais Educação. Además, en el presente trabajo también están contenidas mi historia, mis transformaciones y mi experiencia en el proyecto, donde atué como educador em el año 2015, a través de un proyecto que mezclaba Enseñanza de História y Música.

Palabras claves: Transformación, Decolonialismo, Movimiento, Más Educación.

LISTA DE SIGLAS

Conselho latino americano de Ciências Sociais - CLACSO

Movimento pela Base Nacional Comum – MBNC

Programa Mais Educação – PME

Plano de Desenvolvimento da Educação - PDE

Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – SECAD

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mafalda (p.18)

Figura 2 – Colonialidade do Poder (p.18)

Figura 3 – Não se pode descolonizar sem despatriarcalizar (p.21)

Figura 4 – Mafalda (p.31)

Figura 5 – Desenho do som do vento (p.34)

Figura 6 - História na visão do aluno (p.36)

Figura 1 - o afeto (p.38)

Sou de caminhos de pedras
De ruas sem asfalto
Minha a vó não foi para a escola
mas aprendeu a lutar
foi uma mulher da guerra
e por isso sabe mais que os intelectuais que falam
da capital
da esquerda
do progresso...
que embora se neguem a ver
também são arte do problema.
“Longe da cidade”. Muerdo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
MOMENTO I – DESCOLONIZAR-SE É PRECISO.....	16
MOMENTO II - EM QUE MAR NAVEGA O MAIS EDUCAÇÃO?.....	25
MOMENTO III – MEUS PASSOS.....	29
CONSIDERAÇÕES – ABERTURA DE JANELAS.....	35
REFERÊNCIAS.....	39

INTRODUÇÃO

Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia.

A gente se acostuma a morar em apartamentos de fundos e a não ter outra vista que não as janelas ao redor. E, porque não tem vista, logo se acostuma a não olhar para fora. E, porque não olha para fora, logo se acostuma a não abrir de todo as cortinas. E, porque não abre as cortinas, logo se acostuma a acender mais cedo a luz. E, à medida que se acostuma, esquece o sol, esquece o ar, esquece a amplidão. Isso, para quem tem casa. E quem não tem direito à moradia?

A gente se acostuma a acordar de manhã sobressaltado porque está na hora. A tomar o café correndo porque está atrasado. A ler o jornal no ônibus porque não pode perder o tempo da viagem. A comer sanduíche porque não dá para almoçar. A sair do trabalho porque já é noite. A cochilar no ônibus porque está cansado. A deitar cedo e dormir pesado sem ter vivido o dia. Por que?

A gente se acostuma a esperar o dia inteiro e ouvir no telefone: hoje não posso ir. A sorrir para as pessoas sem receber um sorriso de volta. A ser ignorado quando precisava tanto ser visto.

A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o de que necessita. E a lutar para ganhar o dinheiro com que pagar. E a ganhar menos do que precisa. E a fazer fila para pagar. E a pagar mais do que as coisas valem. E a saber que cada vez pagar mais. E a procurar mais trabalho, para ganhar mais dinheiro, para ter com que pagar nas filas em que se cobra.

A gente se acostuma a andar na rua e ver cartazes. A abrir as revistas e ver anúncios. A ligar a televisão e assistir a comerciais. A ir ao cinema e engolir publicidade. A ser instigado, conduzido, desnordeado, lançado na infundável catarata dos produtos.

A gente se acostuma à poluição. Às salas fechadas de ar condicionado e cheiro de cigarro. À luz artificial de ligeiro tremor. Ao choque que os olhos levam na luz natural. Às bactérias da água potável. À contaminação da água do mar. À lenta morte dos rios. Se acostuma a não ouvir passarinho, a não ter galo de madrugada, a temer a

hidrofobia dos cães, a não colher fruta no pé, a não ter sequer uma planta. A comer veneno todos os dias, a não se conectar mais com nossos ciclos.

A gente se acostuma a coisas demais, para não sofrer. Em doses pequenas, tentando não perceber, vai afastando uma dor aqui, um ressentimento ali, uma revolta acolá. Se o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço. Se a praia está contaminada, a gente molha só os pés e sua no resto do corpo. Se o trabalho está duro, a gente se consola pensando no fim de semana. E se no fim de semana não há muito o que fazer a gente vai dormir cedo e ainda fica satisfeito porque tem sempre sono atrasado.

A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. Se acostuma para evitar feridas, sangramentos, para esquivar-se de faca e baioneta, para poupar o peito. A gente se acostuma para poupar a vida. Que aos poucos se gasta, e que, gasta de tanto acostumar, se perde de si mesma.

“Costume”. Marina Colasanti.

Somos trocas de saberes, caminhos que se cruzam, que se entrelaçam a cada gesto, a cada olhar em cada respiro, cada jeito. Não podemos esquecer de quem cuida de nossa casa há tanto tempo; culturas tradicionais de imensos territórios que há muitas primaveras (r)existem com seus firmamentos que a cultura ocidental, branca e patriarcal insiste violentamente em sufocar até não ser mais possível respirar. São saberes indígenas, quilombolas, ribeirinhas, do mar, da terra, do vento dos céus, da nossa conexão que, infelizmente, já não vibram em nossos corpos.

Hoje somos desenvolvimento e para caminhar rumo a uma educação que se sustente, é preciso tornar a se envolver. Trabalho de vida, recomeço, descolonizar-se. Eu como professor? Lembro a primeira vez que entrei em sala de aula e olhava aquelas crianças com sede e fome de muita coisa, cansadas da mesmice que as assolava no auge dos seus dez anos de idade, dez anos. Algo aí me pegava, pois se tem algum/alguma ser que sabe viajar pelos sonhos, fazer com que do sertão brote flores e árvores gigantes, que pássaro sem asa voe, são as crianças. Por outro lado, também via ali, em quem lhes dirigiam palavras, muitas delas escapulindo o sentido da existência em verdade, mestras e mestres com seu viver fadigado, com a engrenagem enferrujada, onde a reprodução de jeitos não se deixava possível algum entendimento saudável entre as partes. Era como se estivesse olhando para um rio turvo que refletia a minha imagem em si e no céu, eu fora aluno e agora professor, o que fazer com esse momento?

Me perguntava, como agir? O que pensar? Qual era a possibilidade de mudança que existia naquele micro instante de vida? É preciso ser sensivelmente criativo. Creio que o grande desafio da educação esteja em fugir de maneiras que enrijecem nossa forma de interagir com os mundos. Como fazer isso se, historicamente os moldes do sistema educativos foram e são pensados de forma com que padrões fossem/sejam criados a fim de perpetuar um modo de “pensament’ação” que se atrela cada vez mais ao plano desenvolvimentista do capitalismo?

Para além de impressões individualistas sobre os assuntos que competem essa escrita, gostaria muito que pudéssemos pensar sobre o que aqui lhes saltam aos olhos, pois, compartilho com vocês pensamentos emaranhados em sonhos que cheiram aflições, esperança, angústias, raivas, medos, firmamentos, não lugares, pertencimentos. Como já dizia Dorival Caymmi, “minha jangada vai sair pro mar” e nesse viagem se faz

importante elucidar de onde parto e para onde os ventos que sopram vão nos levar nesse trajeto.

Vos digo que em minha concepção, História é movimento e no que me toca, essa não está mais afim de se relacionar com o modo ocidental de conceber o mundo! E como tal, é fruto da época que pertence, do que é vivido, de como é pensada. A ideia de movimento que indico aqui não está somente relacionada a efemeridade do tempo *Chronus*, mas de fato na forma de como a mesma é construída. Se faz cada vez mais necessária a insurgência de um modo de pensar que envolva a História do Tempo Presente como alicerce para firmar passo frente ao que gira; isso nos coloca no lugar de agente histórico e não só mais alguém que vai somente teorizar sobre algo como se não fosse pertencente ao processo histórico. Sobre o tema, Chauveau; Tétart (1999) compilam: que a História do Tempo Presente veio para aumentar a capacidade de explicitação e de propostas para interrogar a própria História... Tal postura dos historiadores demonstra a possibilidade de fazer uma conversa desta com outras distintas formas de análise, seja por meio de textos das políticas públicas, do jornalismo, entre outros, ou seja, confere um modo de pensar um problema a partir de um olhar interdisciplinar.

Entre as pesquisas para essa escrita, juntamente com a ideia da História do tempo Presente, outro afeto brotou na medida em que me deparei com o pensamento do Giro Decolonial. Ambas, dão o sentido necessário a algo que acredito como possível, atualmente, em relação ao agir e o pensar na educação e para além dela. Entretanto, sem esquecer, esse trabalho é sobre a minha História, o meu trajeto e o teu também, já que somos ligados de alguma forma, e se esse não for o momento de colocar os meus jeitos, os meu passos, os meus sonhos nesse processo dentro da Universidade, eu não sei quando vai ser. Da mesma forma essa presente escrita é um compilado de vivências, ideias, proposições, sonhos que dialogam com a concepção de educação, ensino de História, descolonização, conversando com minha estada no Projeto Mais Educação, no ano de 2015. Fica então a pergunta central para esse trabalho: frente ao contexto histórico que vivemos, é possível construir uma educação sustentável, que trabalhe com a concepção decolonial? Quais seriam os passos para esse caminho?

RECONHECER O LUGAR

Lá se vão nove primaveras desde que entrei no curso de Graduação em História licenciatura; lembro-me do início, eu no auge do deslumbre com a magnitude das relações dentro de uma universidade, com o espaço que se vive, nas possibilidades que se abrem, as pessoas que se conhece e a sensação de “gente grande” que emerge. Era tudo lindo, tudo dentro do padrão já conhecido, as salas de aulas brancas, as luzes brancas e as pessoas brancas, inclusive eu. Privilégio Branco. Recomendações de leitura, com no mínimo 50 páginas cada uma, eram um tesão, massageavam o ego; finalmente entrei onde sonhei estar. A felicidade do momento junto ao compromisso intrínseco ao existir nesse espaço me dizia que ali começava uma caminhada de mãos dadas à produção intelectual, afinal eu fui um dos selecionados em um dos maiores e mais concorridos processos seletivos do Brasil, tinha que fazer jus ao mérito. Não é? Não! Estudava a noite, trabalhava ao dia, fazia cinco cadeiras, carga horária padrão do curso para que se dê conta de se formar em um prazo razoável de tempo. No início tudo tranquilo, havia cansaço, mas a vontade e a energia andavam de mãos dadas ao novo momento e anestesiavam qualquer pensamento crítico que colocasse em xeque aquele instante.

Entre no curso com a vontade de ser professor, sem muito saber o que isso significava pelo fato de nunca ter estado numa sala de aula não ser na figura do aluno. Vi nessa porta aberta a possibilidade de ali nutrir esse caminho na entrada desse novo mundo. O primeiro ano de faculdade se passou e junto com ele acumulação de informações, páginas lidas, aprofundamentos em assuntos que fazem parte de currículo, mas sem muito rumo. O tempo foi passando, os jeitos se repetindo e alguns cansaços aparecendo. Outras vivências fora mundo acadêmico me fizeram perceber que era preciso romper com as estruturas, com os privilégios, com os confortos, com as já conhecidas formas de se relacionar. Coisa que a Universidade não nos ensina, pois para que a sua própria estrutura se mantenha não é interessante que isso aconteça. Não demorou muito para que aqueles sopros leves e inspiradores, se tornassem turvos e de resistência. Me dei conta que a bibliografia utilizada, na grande maioria das cadeiras, era oriunda do pensamento ocidental, eurocêntrico, escrita por homens e por pessoas

brancas. Pouco li mulheres, pouco li pessoas negras ou indígenas; para alguns pode parecer só um detalhe, mas na minha concepção, muda tudo. Falamos aí de outra escrita, outra vivência, outro sentimento, outro cheiro, outro o mundo girando. Além da escrita, tem a fala, tem o lugar de fala, tem quem senta em roda, perto da árvore ou do fogo e escuta. Tem, mas não tive na universidade. Aliás, para ter a História Oral como referência de trabalho é uma briga e quando dessa uma concessão é feita, pouca gente te dá a mão, paga para ver. Cadê, a referência? E a Teoria? Não que não seja importante, mas se basear nisso como única forma de interagir, limita. E o que falar quando no currículo voltado a licenciatura, a primeira experiência na educação, com entrada em sala de aula, se dá no 3 ano de faculdade, no estágio obrigatório¹? Fiquei praticamente dois anos afastado do Curso, nos anos de 2016 a 2018 e felizmente muita coisa moveu nesse tempo². Outras demandas surgiram, outros rostos ocupando espaços que ali não tinham lugar e isso tudo a base de muita luta.

Vivemos em uma sociedade onde o existir é conflito e a disputa de território é de extrema importância para que o espaço de pensamento, de fala, de ocupação com corpo, cultura, seja tensionado. Lembro-me do processo de instauração das cotas na UFRGS, o quanto de desconforto gerou em quem via pela primeira vez seu privilégio ser questionado em um ambiente que era só seu. Sem dúvida a luta Histórica d@s negr@s e d@s indígenas, na figura do ingresso na universidade, em busca do mínimo de dignidade e ocupação de um espaço que deveria ser seu também e agora está sendo retomado aos poucos, fora um marco no processo das universidades no Brasil. Em outros termos gostaria aqui de afirmar que embora eu me afaste cada vez mais da lógica e do habitat da Universidade, reconheço e coloco muita fé em quem tem e constrói esse espaço como lugar de luta, de existência, de tensionamento ideológico. É fundamental que isso aconteça. Se for pra branc@ ficar de fora, que fique, sempre fomos aceit@s em todos os espaços. E sempre bom lembrar que a paz não é branca por acaso.

¹ Sem desconsiderar as cadeiras vinculadas a faculdade de Educação e outras conversas em algumas cadeiras, que foram muito importantes na minha formação.

² Mudanças essa que se deram desde o início da instauração do processo de Cotas na UFRGS em 2008. E antes disso também.

A árvore quando é cortada
 Chora e sofre de tal maneira
 Pois vê que o machado que sangra o seu tronco
 Também é feito de madeira
 Reina a dor, reinador...
 Reina reinador, canta o sabiá
 A maré virou, tempo vai fechar
 Quilombo ensinou, tá pra anunciar
 Chicote voltou no lombo de quem mandou dar(...)

(...)Quer nada

Se tu quisesse paz, tu ia querer também a liberdade, mas tu treme só de pensar
 Tu prefere o controle dos corpos
 Se quisesse paz, ia querer também ficar em silêncio, mas tu é tiro, é porrada e é bomba
 É tanque de guerra na praça
 Tu quer é calar o outro, pra tua voz se destacar ainda mais
 Tu quer ter mais que o outro, às custas do outro e quer que o outro não reclame
 A tua paz, doutor, é pisar no de baixo e não ouvir o grito
 Quer paz porra nenhuma!
 Tu só não quer é ser incomodado
 Tu quer a ordem, que é um tapete muito limpo
 Sobre um mar de sangue no assoalho
 Tu quer é instaurar o caos pra inventar a pílula da salvação
 Tu quer os peitos comprimidos, pra melhor vender comprimidos pra dor.

DESCOLONIZAR-SE É PRECISO

Partiu a canoa! Pois bem, no percurso das atividades que elaborei em conjunto com @s alun@s da Escola Cidade Jardim, no ano de 2015, pelo Projeto Mais Educação, tive como preceitos básicos de comunicação e proposição de atividades, uma interação diretamente relacionada com a ideia de descolonização dos saberes. Para entendermos como essa ideia vem fluando no campo da teoria, me deterei a abordar a noção de movimento de pensament’ação atrelado ao Giro Decolonial, baseando-me em algumas ideias expostas por pensador@s e posteriormente traçando um paralelo com a situação educacional no Brasil no que tange a Educação Integral.

Desde a década de sessenta diversos autor@s latino americanos, asiáticos e africanos vêm escrevendo sobre seus contextos históricos a partir da ideia da descolonização. É o momento de contar sua própria História. Surgem novas necessidades de existência nesse anseio de detectar por onde passam as noções eurocêntricas de dominação em várias regiões do mundo. Ao longo da segunda metade do século XX diversos congressos foram organizados na América latina a fim de repensar a noção de colonialismo e nas suas proposições viu-se que era preciso ir além da crítica feita pel@s pensador@s que vinham discutindo o tema até então. No ano de 1998, por exemplo, um importante encontro apoiado pelo CLACSO e realizado na Universidade Central da Venezuela, reuniu pela primeira vez Edgardo Lander, Arturo Escobar, Walter D Mignolo, Enrique Dussel, Aníbal Quijano e Fernando Coronil, autores que estavam dispostos a pensar teoricamente o conceito de decolinização. Embora tendo processos históricos que se emaranham, nesse movimento viu-se a necessidade de romper com a lógica de correlacionar diretamente a vivência e os saberes da Latino América com as vivências do colonialismo de continentes como África e Ásia. Era preciso recriar uma própria história, com seus agentes e comunicações que condizem com a historicidade de *Abya Ayala*³ sem ter como cerne de partida as ideias de pensador@s europeus, ainda que não se faça a negação de tais. Damos início a discussão trazendo a ideia de pensamento fronteiroiro corroborando com o pensamento

³ Saiba mais: <http://iela.ufsc.br/povos-origin%C3%A1rios/abya-yala>

decolonial. Segundo Mignolo a intersecção de ideias se dá da seguinte maneira: o pensamento decolonial é uma elaboração posterior àquilo que o autor chamou de “pensamento fronteiriço”:

O pensamento fronteiriço, desde a perspectiva da subalternidade colonial, é um pensamento que não pode ignorar o pensamento da modernidade, mas que não pode tampouco subjugar-se a ele, ainda que tal pensamento moderno seja de esquerda ou progressista. O pensamento fronteiriço é o pensamento que afirma o espaço de onde o pensamento foi negado pelo pensamento da modernidade, de esquerda ou de direita (MIGNOLO, 2003, p. 52).

Mafalda explica:

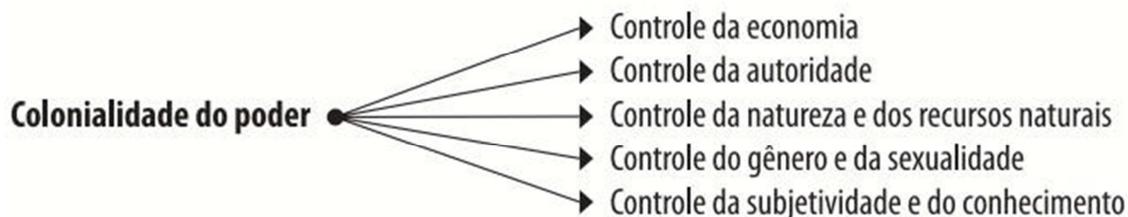
Figura 2: Mafalda



Fonte: acervo Google imagens.

No movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico, à lógica da modernidade/colonialidade, chamado Giro Decolonial, se faz importante especificar as maneiras com que se evidenciam as formas de dominação do pensamento colonial:

Figura 3: Colonialidade do Poder



Fonte: BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. Pg. 100

A ideia de Colonialidade é rizoma do Colonialismo; essa caminha em conjunto com os movimentos políticos de dominação advindos da era Moderna onde as potências econômicas europeias do século XVI à XVIII invadiram diversos países dos Continentes africano, asiático e latino-americano, a fim de perpetuar sua lógica de vida, estabelecendo uma relação de destruição desenvolvimentista para com as regiões afetadas. Para abrir os caminhos sobre o entendimento dos conceitos de Colonialismo e Colonialidade é necessário ressaltar as suas diferentes percepções; alguns autores como Aníbal Quijano e Maldonado Torres trazem contribuições importantes:

colonialismo e colonialidade são dois conceitos relacionados, porém distintos. O colonialismo se refere a um padrão de dominação e exploração no qual: o controle da autoridade política, dos recursos de produção e do trabalho de uma população determinada possui uma diferente identidade e as suas sedes centrais estão, além disso, em outra jurisdição territorial(...) O Colonialismo é, obviamente, mais antigo; no entanto a colonialidade provou ser, nos últimos 500 anos, mais profunda e duradoura que o colonialismo. Porém, sem dúvida, foi forjada dentro deste, e mais ainda, sem ele não teria podido ser imposta à inter-subjetividade de modo tão enraizado e prolongado. (QUIJANO, 2007, p. 93)

Nelson Maldonado Torres, afirma que

O colonialismo denota uma relação política e econômica, na qual a soberania de um povo está no poder de outro povo ou nação, o que constitui a referida nação em um império. Diferente desta ideia, a colonialidade se refere a um padrão de poder que emergiu como resultado do colonialismo moderno, mas em vez de estar limitado a uma relação formal de poder entre dois povos ou nações, se relaciona à forma como o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas se articulam entre si através do mercado capitalista mundial e da ideia de raça. Assim, apesar do colonialismo preceder a

colonialidade, essa sobrevive ao colonialismo. Ela se mantém viva em textos didáticos, nos critérios para o bom trabalho acadêmico, na cultura, no sentido comum, na autoimagem dos povos, nas aspirações dos sujeitos e em muitos outros aspectos de nossa experiência moderna. Neste sentido, respiramos a colonialidade na modernidade cotidianamente. (TORRES, 2007, p. 131)

Corre o rio de sangue, e por ele se esvai histórias, sonhos, convivência, jeitos de se relacionar, afetos; a terra já não brota mais o mesmo fruto, a mesma flor, é enxerto de raiz profunda, a lógica podre da ganância, da violência, do capitalismo, do que não vê e não sente em nome do progresso, do desenvolvimento. Nossa bem quista mestiçagem cheira a violência, à estupro das guerreiras mulheres que (r)existiram e (r)existem até hoje em um cotidiano patriarcal que é alicerce da concepção de colonialismo; um agradecimento a mãe terra que ainda se mantém viva mesmo após atrocidades cometidas cotidianamente para sustentar a lógica desenvolvimentista. As raízes do colonialismo são mais profundas, espasmos das imposições políticas, jurídicas, administrativas e militares sobrevivem até hoje nos nossos jeitos de se relacionarmos com o nosso espaço-tempo. Graças à colonialidade, a Europa pode produzir a ciência como modelo único, universal e objetivo na produção de conhecimentos, além de deserdar todas as epistemologias da periferia do ocidente.

Figura 4: a rua fala



Fonte: Acervo Google imagens

Nesse sentido, o colonizador destrói o imaginário do outro, invisibilizando-o e subalternizando-o, enquanto reafirma o próprio imaginário. Assim, a colonialidade reprime os modos de produção de conhecimento, os saberes, o mundo simbólico, as imagens do colonizado e impõe novos. Opera-se, então, a naturalização do imaginário do invasor europeu, e a própria negação e o esquecimento de processos históricos não-europeus. Essa operação se realizou de várias formas, como a sedução pela cultura

colonialista, o fetichismo cultural que o europeu cria em torno de sua cultura, estimulando forte aspiração à cultura europeia por parte dos sujeitos subalternizados. Portanto, o eurocentrismo não é a perspectiva cognitiva somente dos europeus, mas torna-se também do conjunto daqueles educados sob sua hegemonia.

Entraram a tiro e facão	Diziam eles
Impondo sua religião	Enquanto diziam que eu não sabia nada
Reivindicando uma terra que era minha	Mal sabiam eles
Impondo um deus que não me pertencia	Que eu tinha os segredos da mata
Ó pode de mim nativo	Meu conhecimento tem a origem da vida
Dizam eles...	Minha mata nativa
Obre de um povo que não tem mete	Eu dizia,
Não sei o porque de povo me caracterizavam	Ó pobre colonizador
Se não me permitiam a cultura	Que achava que eu não sabia nada
E o território	Eram os detentores do conhecimento
Ó pobre de mim nativo	Homens da conquista
Diziam eles	Os senhores da tecnologia
Quando me mataram pra arrancar minha mata	Eu dizia,
Quando me escravizaram pra roubar minha terra	Ó pobre colonizador
Quando me prendiam em suas crenças	Deixe minha terra
Pra me tornar homem branco	Deixe minha vida
Ó pobre de mim nativo	Sei ser o dono da mata
	Da cultura que me pertence

Sei formar um mundo que me contemple	Sou diálogo
Não precisa da tua ajuda pra ser	Não sou ditador
Eu já sou	E nem quero ser matador
Sou terra	Como tu, ó pobre colonizador.
Sou fértil	
Sou comunidade	“América Latina, eu quero minha terra.”
	Laisa
	Zatti.

Aproximando-se da noção de colonialidade do saber, podemos constatar algumas noções e entendimento dos porquês estruturais que encontramos no sistema educacional no Brasil. Exemplificando, quando pensamos o sistema educacional no Brasil temos explícita a ideia de desigualdade; essa, fruto do processo de exploração histórica do país, é baseada em diversos preconceitos que se atrelam a concepção colonizadora de supremacia. Para que(m), por que(m), os padrões do sistema educacional foram criados da maneira que conhecemos hoje em dia e a base de que os mesmos se mantêm? Essas são perguntas necessárias para se fazer no que tange um caminho a uma educação decolonial.

É necessário que pensemos sobre a noção de Raça para que entendamos qual o rumo dos nossos passos. Um dos problemas seríssimos da nossa relação em sociedade no Brasil e em outras partes do mundo, é o Racismo. Sim, o Racismo existe e está em cada um de nós. Por mais que eu queira me dizer não racista, eu me locomovo, vivo, faço parte de um sistema que se apoia na relação racial para se manter vigente. O racismo como existência faz parte do plano da colonialidade, apoiada em pesquisas forjadas efetuadas por diversas áreas científicas, que visou/visam, ironicamente, dar luz a subjetividade do subalternizado, construindo a ideia de Raça. Esse processo de inferiorização de grupos humanos não-europeus, tem interjeições definitivas do ponto

de vista da produção da divisão racial do trabalho, do salário, da produção cultural e dos conhecimentos até hoje em nossa sociedade. Todas essas ideias que subjugam outras culturas, outras expressões de vida a algo inferior tem como parte de sua base a ciência como legitimadora desse pensamento criado; a noção de progresso, de desenvolvimento são noções criadas pela com base na História, Antropologia, Etnografia, Geografia, como fruto de pesquisas onde a referência maniqueísta criada nessa concepção tem o ocidente como porta voz. Estamos em um campo de batalha onde temos o dever de disputar cada metro e levantar nossas bandeiras em cada gesto, em cada passo, a cada pensamento, não deixando que esse modelo nos consuma seja o campo de batalha, qual seja. Na sua abordagem sobre Racismo, Colonialismo e Imperialismo, Lélia Gonzalez escurece que:

Sabemos que o colonialismo europeu, nos termos com que hoje o definimos, configura-se no decorrer da segunda metade do século XIX. Nesse mesmo período, o racismo se constituía como a “ciência” da superioridade euro cristã (branca e patriarcal), na medida em que se estruturava no modelo ariano de explicação que viria e ser não só o referencial das classificações triádicas do evolucionismo positivista das nascentes ciências do homem, como ainda hoje direciona o olhar da produção acadêmica ocidental. Vale notar que tal processo se desenvolveu no terreno fértil de toda uma tradição etnocêntrica pré-colonialista (século XV - XIX) que considerava absurdas, supersticiosas ou exóticas as manifestações culturais dos povos “selvagens”... a Europa transformaria tudo isso numa tarefa de explicação racional dos (e partir de então) “costumes primitivos”, numa questão de racionalidade administrativa de suas colônias. Agora, em face da resistência dos colonizados, e violência assumirá novos contornos, mais sofisticados; chegando, às vezes e não parecer violência, mas verdadeira superioridade. (GONZALEZ.1988 ,P. 71)

Jornal da vida:

Existe muita coisa que não te disseram na escola: Cota não é esmola! Experimenta nascer preto na favela pra você ver! O que rola com preto e pobre não aparece na TV. Opressão, humilhação, preconceito. A gente sabe como termina, quando começa desse jeito. Desde pequena fazendo o corre pra ajudar os pais. Cuida de criança, limpa casa, outras coisas mais. Deu meio dia, toma banho vai pra escola a pé. Não tem dinheiro pro busão. Sua mãe usou mais cedo pra poder comprar o pão. E já que tá cansada quer carona no busão. Mas como é preta e pobre, o

motorista grita: não! E essa é só a primeira porta que se fecha. Não tem busão, já tá cansada, mas se apressa. Chega na escola outro portão se fecha. Você demorou, não vai entrar na aula de história. Espera, senta aí, já dá 1 hora. Espera mais um pouco e entra na segunda aula. E vê se não atrasa de novo! A diretora fala. Chega na sala, agora o sono vai batendo. E ela não vai dormir, devagarinho vai aprendendo que se a passagem é 3,80 e você tem 3 na mão. Ela interrompe a professora e diz, 'então não vai ter pão. E os amigos que riem dela todo dia. Riem mais e a humilham mais, o que você faria? Ela cansou da humilhação e não quer mais

escola. E no natal ela chorou, porque não ganhou uma bola. O tempo foi passando e ela foi crescendo. Agora lá na rua ela é a preta do suvaco fedorento. Que alisa o cabelo pra se sentir aceita. Mas não adianta nada, todo mundo a rejeita. Agora ela cresceu, quer muito estudar. Termina a escola, a apostila, ainda tem vestibular. E a boca seca, seca, nem um cuspe. Vai pagar a faculdade, porque preto e pobre não vai pra USP. Foi o que disse a professora que ensinava lá na escola. Que todos são iguais e que cota é esmola. Cansada de esmolos e sem o dim da faculdade, ela ainda acorda cedo e limpa três apê no centro da cidade. Experimenta nascer preto, pobre na comunidade. Cê vai ver

Tambor que bate, que arde, que traz a justiça, arrepio. Como se sente depois de ler isso? Encontramos aqui desmembramentos da colonialidade que se aproximam a algo que seja o mote para pensarmos a nossa existência e como nos comunicamos com o nosso consumo, preconceitos, de como são criados nossos padrões estéticos que é a noção de colonialismo do Ser. Você já se perguntou, quem você está sendo? Com que raízes tu te identificas? Por que sabemos ou temos mais acesso a História dos países da Europa do que algo mais próximo a gente?

como são diferentes as oportunidades. E nem venha me dizer que isso é vitimismo. Não bota a culpa em mim pra encobrir o seu racismo! E nem venha me dizer que isso é vitimismo. São nações escravizadas. E culturas assassinadas. É a voz que ecoa do tambor. Chega junto, venha cá. Você também pode lutar e aprender a respeitar. Porque o povo preto veio revolucionar. Cota não é esmola!

Cota não é esmola. Bia Ferreira

Nesse sentido entra a noção de colonialismo do ser que, por sua vez, consiste em negar a existência do outro, desde sua cultura, sua relação de espaço-tempo, sua percepção de vida criando um discurso de que outras expressões culturais não devem ser seguidas ou entendidas por preparam o mal. Segundo Fanon, “não basta ao colonizador limitar fisicamente o colonizado, com suas polícias e seus exércitos, o espaço do colonizado. Assim, para ilustrar o caráter totalitário da exploração colonial, o colonizador faz do colonizado uma quinta-essência do mal. A sociedade colonizada não somente se define como uma sociedade sem valores (...) O indígena é declarado impermeável à ética, aos valores. É, e nos atrevemos a dizer, o inimigo dos valores. Neste sentido, ele é um mal absoluto. Elemento corrosivo de tudo o que o cerca, elemento deformador, capaz de desfigurar tudo que se refere à estética ou à moral, depositário de forças maléficas.” (FANON, 2003, p. 35-36).

Portanto, nessa breve apresentação de conceitos sobre e discussão do Giro Decolonial, temos aqui algumas noções de processos históricos de constituição de existências e negações dessas que fazem parte do nosso pensamento cotidiano. Creio que para pensar a educação como sentido prático e teórico, é preciso a elaboração de projetos políticos pedagógicos que oportunizem a quebra da lógica branca de existência, se atentando as práticas colonialistas de ser, seja nos aspectos econômicos, políticos e culturais. Nos próximos rumos dessa escrita navegaremos um pouco pelo projeto de Educação Integral no Brasil e o projeto Mais Educação como parte desse planejamento estatal e em conjunto e isso minha experiência em sala de aula participando como Professor no programa.

EM QUE MAR NAVEGA O MAIS EDUCAÇÃO?

Outro mundo é possível. Sobre a La Digna Rabia, falam os Zapatista:

a educación en el CIDECI (Centro Indígena de Capacitación Integral) se basa en una proceso de capacitación horizontal que está, desde su principio, contra los conceptos de la “especialización”, contra cualquier sistema de capacitación y producción construido verticalmente y con jerarquías. Busca otras maneras de investigación del mundo. Se basa en la realidad cotidiana de los pueblos indígenas y toma en cuenta las condiciones de su resistencia y su realidad económica y político-social. Su objetivo es el fortalecer la autonomía de los pueblos indígenas, su renacimiento cultural y, en fin, la construcción del otro mundo posible. ENLACE ZAPATISTA.

Apresento um par de impressões sobre o Programa Mais Educação, notando alguns distanciamentos existentes entre a teoria-prática no que diz respeito a sua proposta de educação integral, assim como as ideias que a sustentam. Quando penso educação aliada ao pensamento da descolonização dos saberes percebo um abismo entre o que sonho e acho importante cultivar e a concreta estrutura do sistema educativo brasileiro. No tato, sinto que há uma relação negligente - ou seria estratégia pensada? - do Estado para com a sua

responsabilidade de garantir a população desse enorme território, condições básicas e firmes de educação digna.

Para entendermos um pouco melhor dos prós e contras que permeiam o Programa Mais Educação se faz necessário um pequeno histórico da proposta em questão. Arelado ao Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE)⁴, no ano de 2007, o Governo Federal, lançou o Programa, através da portaria normativa interministerial nº 17/2007 e da Portaria nº 19/2007, fazendo este, parte de um planejamento que teve como carro chefe a fomentação do modo Integral de Educação. Nas uniões de trabalho entre os âmbitos interministeriais, intergovernamentais e sob a coordenação da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) o Mais Educação emergiu como um novo caminho para a educação brasileira. Em sua proposta está a ressignificação de jeitos pedagógicos, que visam maior interação e envolvimento de educandos, educadores, comunidades e fim de garantir maior acesso e educação pública, assim como a permanência e aprendizados das crianças e jovens que estivessem no programa. Dito isso, vamos entender quais são os ideais que estruturam esse novo modelo de educação, ou nem tão novo assim, e para onde ele nos leva.

Nesse âmbito, alguns desencontros de ideias acontecem dado que, por um lado temos em sua proposição teórica rompimento das barreiras tradicionais da educação, partir do flerte com metas como interculturalidade, redução da pobreza, maior integração entre escola e comunidade e por outro o acirramento da sua movimentação e execução a uma lógica mercantilista, tecnicista, formadora de mão de obra para o Estado e para a Iniciativa privada. E aí como faz? É pertinente a apresentação de alguns pontos para elucidar melhor o que digo. Vejamos um pouco da teoria que o programa apresenta, das quais eu muito concordo, diga-se de passagem. Em sua cartilha de apresentação o Programa traz a seguinte ideia:

“A educação que este Programa quer evidenciar é uma educação que busque superar o processo de escolarização tão centrado na figura da escola. A escola, de fato, é o lugar de aprendizagem legítimo dos saberes curriculares e oficiais na sociedade, mas não devemos tomá-la como única instância educativa. Deste modo, integrar diferentes saberes, espaços educativos, pessoas da comunidade, conhecimentos... é tentar construir uma educação que, pressupõe uma relação da aprendizagem para a vida, uma aprendizagem significativa e cidadã. CARTILHA ME

⁴ De iniciativa do Poder Executivo, evidenciado na Lei nº 8.035/2010, o Plano Nacional de Educação (PNE-2011/2020) prevê a oferta de educação em tempo integral, para 50% das escolas públicas de educação básica até 2020.

Atualmente temos um modelo de escola onde, por omissão do Estado em incentivar políticas públicas acerca da desigualdade social, por exemplo, essa tem por missão dar conta de diversas camadas da vida d@s alunos que passam por responsabilidades que dificultam a interação entre as partes envolvidas. Na perspectiva da educação Integral aumenta-se o tempo de estadia d@s alun@s no ambiente escolar com a ideia de que a escola preencheria um tempo livre de quem nela estuda assim como, em outra parte, possibilitaria, por exemplo, que @s responsáveis pel@s educand@s pudessem se dedicar ao seus trabalhos rotineiros. Aí se estabelece uma contradição, pois de uma parte o programa se dispõe a romper com a lógica tradicional de descentralizar a escola como padrão educativo e por outro aumenta a carga horária @s alun@s que ali estão além de sobrecarregar as pessoas que nela trabalham, aumentando encargos através do tempo de trabalho diário e de capacitações previstas no texto corpo do programa. Assim, o Mais Educação atribui à escola uma enorme gama de finalidades, as quais abrangem:

[...] a “ampliação do tempo e do espaço educativo e a extensão do ambiente escolar”; combater “evasão escolar, a reprovação e a distorção idade/série”; promover o “atendimento educacional especializado” às crianças com “necessidades educacionais especiais”; prevenir e combater o trabalho infantil, a exploração sexual e outras formas de violência contra crianças, adolescentes e jovens”; promover a formação da “sensibilidade, da percepção e da expressão de crianças, adolescentes e jovens nas linguagens artísticas, literárias e estéticas”; estimular as práticas corporais, educacionais e de lazer”; “promover a aproximação entre a escola, as famílias e as comunidades”; e “prestar assistência técnica e conceitual aos entes federados” com vistas à operacionalização da portaria que implementa o programa (BRASIL, 2007).

Ou seja, acumulam-se tarefas e as pessoas passam a trabalhar mais para ganhar a mesma coisa, ou “menos”, tendo em vista a atual situação salarial @s professor@s do Rio Grande do Sul, via governo Sartori, que estão tendo seus salários parcelados. Embora no documento oficial do programa se recomende ajustes no Piso Salarial Nacional Profissional, ele está submetido a um alinhamento de acordos entre a esfera Federal, Estadual e Municipal, não sendo critério para a implementação do programa. Aí se evidencia um problema grave de pensamento onde o incentivo as políticas públicas para a Educação, no que tange a remuneração d@s trabalhador@s que fazem parte da rede, assim como melhores estruturas de trabalho, não são garantidas no Programa que visa um “novo jeito” de fazer educação. Não se faz Educação sem uma boa remuneração d@s Professor@s! Isso nada mais é do que o Estado se eximindo de garantias que deveria exercer ao mesmo tempo que enxuga o seu orçamento, explorando a mão de obra de quem faz a máquina girar, assim se atrelando a lógica Neoliberal de atuação. Algebaile elucida:

No cenário de hegemonia neoliberal, a ampliação das funções da escola, incorporando tarefas de “proteção social”, é uma expressão do aprofundamento da redução das políticas sociais que transformam a escola pública brasileira em uma espécie de “posto avançado do Estado”, utilizada para garantir certas condições de controle populacional e territorial, formas variadas de negociação do poder em diferentes escalas e certa “economia de presença” em outros âmbitos da vida social”. É importante salientar, ainda, que essa tarefa de “proteção”, como expressão ampliada das tarefas da escola, corresponde a encurtamentos na esfera pública...”(ALGEBAILLE, 2009, p.27)

Outro conceito importante a se destacar como um dos alicerces do programa é a interculturalidade como forma de respeitar as diferenças existentes entre as culturas que compõem o Brasil. O programa traz como movimento essa ideia abarcando importantes relações e trocas culturais, que passam pela abertura do espaço para atividades extraclasse como Capoeira, Teatro, Música. Sem dúvidas é um passo importante para que outros caminhos e diálogos possam ser fomentados em um ambiente que se fez tão rígido em sua criação. Entretanto, se faz necessário atentar-se como esse espaço é construído.

Tendo como base a Educação Integral vinculada Cidades Educadoras⁵, o Mais Educação atua como espaço homogeneizador cultural desenvolvimentista atrelado ao conceito de cidade, mesmo abraçando uma ideia de pluralidade que neste caso acaba tornando-se mais um pano de fundo para ações colonizadoras. Muito embora toda a validade desse movimento, temos dentro do sistema educativo brasileiro, na figura da Base Nacional Comum Curricular, os currículos pensados para serem cumpridos de forma una nas escolas brasileiras, com conteúdos pré-estabelecidos e que se assemelham ainda muito com a forma ocidental de ver a escola, um dos grandes responsáveis da sustentação desse modelo estagnado.

Segundo sua própria cartilha:

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Conforme definido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), a Base deve nortear os currículos dos sistemas e redes de ensino das Unidades Federativas, como também as propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de

⁵ Cidades Educadoras começou como um movimento, em 1990, com base no I Congresso Internacional de Cidades Educadoras, realizado em Barcelona, quando um grupo de cidades representadas por seus governos locais, pactuou o objetivo comum de trabalhar juntas em projetos e atividades para melhorar a qualidade de vida os habitantes, a partir da sua participação ativa na utilização e evolução da própria cidade e de acordo com a carta aprovada das Cidades Educadoras. Pensamento que visa trabalhar a escola como espaço comunitário, Trabalhar a cidade como grande espaço educador, aprender na cidade, com a cidade e com as pessoas, valorizar o aprendizado vivencial, priorizar a formação de valores. (Portal MEC- Cidades Educadoras.)

Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, em todo o Brasil. A Base estabelece conhecimentos, competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade básica. Orientada pelos princípios éticos, políticos e estéticos traçados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, a Base soma-se aos propósitos que direcionam a educação brasileira para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. (BRASIL, 2007c, p.2)

Nesse caso algumas perguntas são necessárias: não se corre o risco de que os conteúdos trabalhados em sala de aula, a partir dos currículos, sejam tão e somente cumpridos como protocolos, fomentando o manutenção de um pensamento colonialista atrelado e desenvolvimentismo da cidade, criação de mão de obra, sem muito espaço para outros mundos? Como estabelecer uma integração que dialogue sem hierarquias entre, por exemplo, cidade e o campo, cidade e periferia, cidade e o sertão, cidade e serra? O Brasil é diverso sim, mas como respeitar a diversidade de pensamentos, cheiros, cores, vivências lugares, se o padrão que fundamenta o que se vai estudar caminha junto com a lógica colonialista? Lembrando, lidar com as diferenças, não é rechaça-las ou homogeneizá-las.

Contribuindo, Inês Barbosa salienta que:

“os currículos nacionais unificados têm sido úteis para a imposição de conteúdos mínimos baseados no pensamento e no modelo econômico hegemônicos, servindo-se das avaliações em larga escala para coibir o trabalho autônomo, criativo e respeitoso da riqueza das diferenças sociais, culturais e de aprendizagem que caracterizam os cotidianos das escolas e aquilo que neles se passa.” (BARBOSA apud VEIGA, 2015).

Segundo Gadotti

“O conceito de interculturalidade é sinônimo de interação, troca e interdependência cultural. A diversidade é a grande riqueza da humanidade. Não existe hierarquia entre as culturas. Não se pode avaliar uma cultura com os pressupostos e os valores de uma outra cultura. O conceito de interculturalidade, diferente da multiculturalidade e da monoculturalidade, que tendem para o isolamento, traz uma carga de relações, princípios e valores baseados na horizontalidade e no diálogo. A interculturalidade pressupõe uma filosofia pluralista, uma atitude de escuta permanente e a da construção de sociedades plurais nas quais se reconhece e valoriza o direito à diferença. A interculturalidade favorece a superação da violência, cometida principalmente contra os mais pobres, os homossexuais, as mulheres, os negros, as crianças” (GADOTTI, 2009, p.103).

Em suma temos aí alguns objetos de discussão frente a construção de uma Educação pública de qualidade que de fato lide com as diferenças de uma forma construtivas sem negar os territórios e as disputas dos mesmos. Enfrentamos uma guerra de quem vai ditar os caminhos do que é ensinado nas escolas e isso se dá muito também pela influência da iniciativa privada que não abre mão de estar presente nessa construção, vide o Movimento pela Base Nacional Comum⁶ (MBNC), assim como as concessões que o Estado dá nas aberturas para esse tipo de participação. Creio que algumas sugestões importantes passam por fortalecer a base do pensamento dos programas e que essas envolvam a educação construindo os currículos ou programas de trocas de saberes, reconhecendo primeiramente o lugar onde se vive, quais suas demandas, sua história, e faça com esse nesse espaço se questione lógicas opressoras de se viver. Isso sem dúvida demandaria maior autonomia popular e outra forma de atuação de municípios e estados em discutir com a sociedade um planejamento de educação que se adeque ao tempo-espaço que se vive. Um programa de educação não pode ser refém de metas ou dados comprobatórios; e muito menos de incentivos monetários vinculados entidades que sugam até a última gota da nossa energia vital, para se manter vivas enquanto agonizamos. Para quem servem as políticas de aliança do Estado?

Meus passos

Faz frio lá fora, o inverno se aproxima abraçando o outono. Aqui dentro tá quente, cheio das ideias. Pego um mate e fico pensando: quanta coisa aconteceu desde que ingressei na universidade. Quanta coisa dita, quanta coisa não dita.

Aliás sobre isso, Mafalda tem uma pergunta:

⁶ O Movimento pela Base Nacional Comum é um grupo não governamental de profissionais da educação que desde 2013 atua para facilitar a construção de uma Base de qualidade. O grupo promove debates, produz estudos e pesquisas com gestores, professores e alunos e investiga casos de sucesso em vários países. Entre as empresas vinculadas estão: Itaú, CEIPE/FGV, Instituto Ayrton Senna, Banco Mundial, Instituto Natura, entre outros. (Site, <http://movimentopelabase.org.br>)

Figura 5: Mafalda



Fonte: Acervo Google imagens

Para onde? Os meus, ultimamente, tenho transformado em Música. Essa que nos acompanha desde de? (...), é parte dos nossos movimentos. A cada passo, bocejo, ranger de dentro, vento na pele, silêncio. Tudo vibra e isso é Música. Um dia pensei que nosso rumar da vida, nossa História, é disco de vinil rodando, rodando, e que nos seus giros se encontram o ritmo, o instante, nosso momento de vida, com texturas e músicas diferentes de acordo com que estamos vivendo. Roda viva.

Assim como cantei nas primeiras linhas dessa conversa, a História, na minha concepção é movimento, se é movimento vibra, se vibra faz pulsar e tem vida. Quando percebi que História e Música andam de mãos dadas tudo fez mais sentido para mim e foi daí a ideia de fazer um projeto simbiose no Programa Mais Educação.

Semei o projeto na Escola Cidade Jardim, situada na zona sul de Porto Alegre, no bairro Cavalhada. Foi um momento cheio de afetos. Durante 10 anos da minha vida a Cidade Jardim foi parte do meu lar, onde a descoberta de diversos mundos fora possível, onde cursei o Ensino Fundamental. Até ingressar no curso de História, não havia imaginado que lá voltaria, ainda mais como professor. Quando retornei, muita coisa havia mudado, mas também não. O que mais impressionou foram as mudanças na estrutura e disposição das coisas lá dentro. Muitas grades, câmeras, concreto, cinza. Agora, o alicerce, se assemelhava a lógica de segurança advindas de um modelo de terror social, instaurado pelo Estado que fazem nossos ambientes de socialização mais parecerem presídios do que

qualquer outra coisa. É importante pensar como preferimos muitas vezes restringir, sufocar, prender ao invés abrir diálogo, dar espaços para novas vozes, adubar e terra para outras flores brotem. E ainda mais evidente que para fazermos diferente disso é preciso um ESFORÇO demandado; viciados estamos. Herança colonialista.

No nosso primeiro encontro entendi o desafio que viria: eram duas turmas por turno em cada uma delas muitas histórias de vida, com tempos distintos de existência. Em uma turma eram crianças de 5 a 10 anos e a outra turma eram crianças de 11 a 16 anos. Como estabelecer um diálogo entre esses mundos. Paciência, sensibilidade, gostar do que faz e criatividade. Meu ponta pé inicial.

Lembro-me dos dias em que chegava animado na sala de aula com uma proposta de interação superpreparada durante a semana e @s alun@s não queriam fazer. Nós não trabalhávamos com obrigatoriedades; desde o primeiro dia que estive com el@s procuramos criar um espaço de confiança e colaboração mútua. Busquei algo que julgo importante como pensamento de vida que foi propor quebra da relação simbólica/efetiva hierárquica que está na figura d@ professor(a). Acredito em uma educação horizontal, que proponha as quebras de situações que podem hegemonizar hierarquicamente, diminuindo o outro ser, figuras que são respeitadas não pelo ou como fazem e sim pelo que simplesmente são. É preciso entender que os saberes não são quantitativos qualitativos, e sim distintos. Não é por que se lê mais, tem mais cursos, que tu é mais inteligente ou sabe mais que a outra pessoa; certeza que quando se pode se construir uma relação mais íntima com qualquer coisa e aí pela experiência adquirida na caminhada teremos mais coisas para compartilhar, mas isso não pode ser estático e nem legitimar nossas relações sociais, a fim de hierarquizar qualquer território.

Tudo é Música - Quem canta a sua/nossa História?

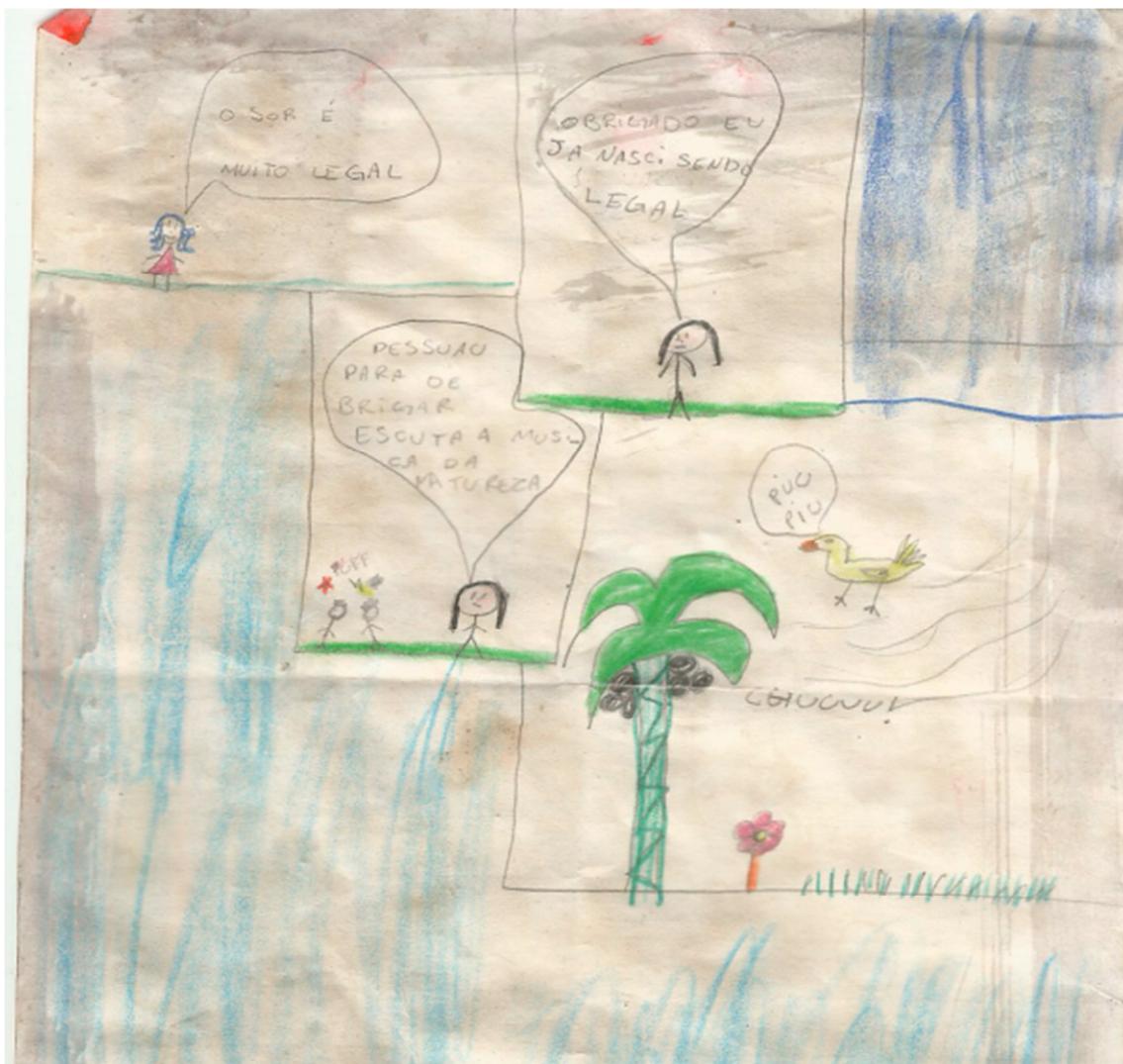
Toda vez que dou um passo o mundo sai do lugar. Experimenta batucar em diversas partes do teu corpo, faz tua própria música. Costumeiramente quando pensamos em Música temos a referência de artistas ou do que escutamos nos veículos de comunicação. Entendo isso como limitado e sem dúvidas dentro da normalidade na qual estamos programados para viver. O enrijecimento corpóreo, de ideias e floreseres está fadado a

acontecer na lógica desenvolvimentista que estamos inseridos. A indústria da ciência e da razão regulam os corpos, dizem o que temos ou não temos que fazer, o que é bom para saúde, criam métodos e venenos, vulgo remédios, onde vendem a própria cura.

Usar o corpo como percussão é ensinamento ancestral, volta o pé no chão, na terra vermelha, no grito que ecoa junto dos pássaros. Música também é silêncio. É vento que abraça a árvore, rio que bate tambor, chuva que rega a terra. Se trata de outros saberes, outras maneiras de se relacionar com a vida. Falo isso por que no mais educação, junto da música, resgatamos algumas práticas ancestrais em atividades que incentivaram o descobrimento de ritmos e sons corpóreos, na medida que em nos reuníamos em roda para experimentar esse momento. Ali se criou um espaço de reconhecimento daquilo que vai nos manter firme para seguir o que quisermos na vida, de outras formas de caminhar, de descobertas de que sim, somos música por si só. E a batida do coração? Esse tambor que bate em vários ritmos, todos os dias? Ao mesmo tempo é mudar o rumo de sua própria História, plenitude do existir.

Outro dia, o sol raiava, era uma manhã preguiçosa cheia de cores. Havia preparado uma aula de construção de instrumentos juntamente com a discussão da origem de tais. A turma estava agitada, assim como o vento lá fora. Decidi arriscar, chamei todo mundo pra rua, algo que era visto como ruim pela coordenação da escola, para experimentar. Em roda, com sucatas e sementes construímos chocalhos. Era bonito ver o brilho nos olhos daquelas crianças, que ansiavam a hora da merenda, entendendo que podiam fazer aquilo. Os pássaros cantavam alto, foi aí que nos últimos momentos de aula propus que parássemos tudo que estávamos fazendo para escutar outra música. Sabe quanto tempo tem essa música? O que ela representa frente a tudo isso que a humanidade está fazendo insistindo em deixar cada vez mais cinza com o concreto? Momento de cuidar da respiração, quem sabe a gente fecha o olho, escuta a música do vento e dos pássaros? Caras feias, “o sor tá doidão” e agradecimentos vieram; e naquele instante, sem tempos, percebi que estabelecemos uma conexão importante, que outro entendimento com a vida se abriu.

Figura 6: Sobre a música da vida



Fonte: Arquivo pessoal

Quem canta a sua/nossa História?

Além das vivências de construção de instrumentos musicais e percussão corporal, tivemos momentos de discussão sobre os ritmos que acompanham nossas vidas. Neste período trabalhamos especificamente três ritmos, o funk, o samba e o rock. A escolha dos ritmos ocorreu de acordo com as vontades de cada um(a) d@s alun@s que faziam parte do programa e a vivência tinha como objetivo a interação entre esses ritmos no âmbito da sua construção social, história e pertencimento na vida d@s alun@s. Através de escuta de músicas, documentários sobre a história dos ritmos e seus desagüares, trabalhamos importantes questões sociais como o racismo, a homofobia, o machismo. Baseado na prática da história oral, após a exibição dos documentários ou análise de letras de música, sentávamos em roda e conversávamos sobre o que eles tinham relacionado e ali

construímos uma nova maneira de se relacionar com ideias que já são automáticas na sociedade que vivemos. Embates, concordâncias e a sensação de construção da sua própria história. Quando estudamos o Samba, por exemplo, muitas crianças não gostavam do ritmo e isso não quer dizer o samba é ruim e que não tem a ver com nossa vida; ademais todas ali eram advindas de periferia tendo a cultura negra muito presente e que elas de alguma forma, seja no final de semana com a família, ou através do vizinho ou do terreiro local, já tinham entrado em contato com o ritmo que faz sim parte da sua história. É necessário entender o contexto de como o ritmo se envolveu no Brasil para nos atentarmos às opiniões discriminatórias que podemos facilmente sem ter um entendimento crítico com que estamos vivendo.

Tiveram alguns momentos onde me cobraram ação, ou seja, que gritasse com @s alun@s que tinham vontade de conversar enquanto falava; eram pra mim os momentos mais desafiantes, onde eu tinha a oportunidade de exercer todo meu poder de professor. As pessoas esperam por isso. Eu não quis, preferi silenciar, até que se dessem conta que naquele momento a conversa paralela não era sintonia coletiva. Um exercício diário de se despir e encarar a vida querendo cambiar as lógicas, ressignificar seu privilégio. É um movimento constante de vida e morte, é preciso querer morrer junto do que se não quer mais ser. O caos é necessário para bagunçar o padrão. Esse é o processo de descolonização, um processo de guerras, de tensionamento do próprio existir. Reconstruir tudo aquilo que deseja ser. Isso também é ser professor, é fazer história.

CONSIDERAÇÕES: ABERTURA DE JANELAS

Por Galeano: “Somos lo que hacemos para cambiar lo que somos”.

Figura 7: Sobre História

Professor: Gabriel Luzzi

Questionário auto avaliação

A História não é, a História está sendo! É com essa ideia que creio em um ensino, ou melhor, uma troca de conhecimento mais respeitosa, horizontal, no que tange a nossa disciplina. Somos todxs agentes do nosso agora e esse é uma parte pequena do que será nosso amanhã. As nossas ações, pensamentos, autocríticas são mais que necessárias para que possamos mudar algo. Normalmente cremos que o que fazemos não é muito frente todas as coisas ruins que vemos por aí, mas elas só se transformam quando agimos; por menor que possa parecer o ato, podemos fazer a diferença. Nós somos a História e se queremos mudanças, teremos que estar dispostos a mudar a si próprio!

Dentro dessa perspectiva algumas perguntas:

Como foi a sua experiência quanto a nossa vivência e as coisas que foram discutidas durante o tempo que estivemos juntxs? *serviu de muito grande ajuda, a perceber ainda mais coisas, que vivemos todo dia, e coisas que não me dava tanto.*

Sua ideia de História mudou? Se sim, como está sendo essa nova era? 😊
sim história é muito mais do que só ficar estudando que foi tal imperador de tal reinado, história está até nos nossos problemas atuais no Brasil.

Fonte: Arquivo pessoal

Um momento importante se faz agora; algo que não pretendia tomar forma, nasceu. Sem sofrimento, regado e sol, pasta de amendoim, abacate, bergamota e mate. Sendo como um brotar orgânico de uma caminhada que venho compartilhando com tanta gente boa que vem cruzando meu caminho. Ensinaamentos. Sinto, luto, nutro em uma perspectiva que se faz na infusão de percepções, onde não é possível ver, por exemplo e classe separada da cultura, o pensamento da ação.

Estes escritos buscaram suscitar algumas discussões necessárias no cenário das nossas relações sendo a educação uma das suas diversas camadas. Sem pretensões de respostas, e sim de tensionamentos, expus algumas ideias centrais para um movimento de

vida que torne as nossas interações como seres habitantes desse e de tantos espaços, mais sustentáveis.

Os primeiros rumos que passaram pela teoria do Giro Decolonial, assim como a busca de interações com outr@s autor@s que pensem a história de maneiras que contrapõe a lógica ocidental, são considerações essenciais para colocar fogo naquilo que nutre as desigualdades e opressões pertencentes ao nosso processo histórico e desaguada nosso cotidiano. Somente se dando conta dos nossos privilégios, rumando nosso pensamento para onde tod@s tenham acesso e oportunidades de existência da forma mais horizontal possível é que conseguiremos firmar nossos passos como agentes dessa história do agora. Sem olvidar de outros ventos passados, o pensamento decolonial é fundamental para que esses jeitos já padronizados sejam ruídos, auxiliando na revisão das Histórias e dos jeitos de se relacionar com ela. É preciso saber morrer para fugir do padrão. No que tange e pesquisa e cerca o pensamento decolonial e o trabalho como um todo, gostaria de ter inserido mais autoras mulheres, principalmente, no que diz respeito e teoria do conceito⁷.

De outra sorte, nas pesquisas e na discussão envolvendo o Programa Mais Educação trouxe algumas inquietações que fazem parte da política de conchavo e legitimação de políticas e propostas, inspiradas em algo que parece ser benéfico para a população, mas em verdade segue as mesmas ideias que continuam sugando nosso tempo, nossa riqueza, nossos sonhos, na figura do Neoliberalismo. É necessário rever as proposições de tempo integral que propõe a ampliação de tempo de atividades para @s educand@s, a relação entre tempo e trabalho d@s educador@s, assim como a estrutura das escolas públicas e quem decide, através o currículo, como e o que vai ser ensinado nas Escolas.

Neste quadro, no que tange a atual tendência, a mudança não virá do Estado, pois para ele não é interessante que se crie espaços que fomentem e autonomia das pessoas onde se pense e aja de uma forma que rume a uma concepção de coletivo. Caminhamos

⁷ Aqui ficam duas recomendações muito interessantes sobre o assunto:
O trabalho coletivo de diversas mulheres em: Tejiendo de otro modo feminismo epistemología y apuestas descoloniales en abya yala:
[http://www2.congreso.gob.pe/sicr/cendocbib/con4_uibd.nsf/498EDAE050587536052580040076985F/\\$FILE/Tejiendo.pdf](http://www2.congreso.gob.pe/sicr/cendocbib/con4_uibd.nsf/498EDAE050587536052580040076985F/$FILE/Tejiendo.pdf)

La Invención de las Mujeres de Oyèrónké Oyèwùmí:
<https://www.scribd.com/document/365657990/Oyeronke-OYEWUMI-La-Invencion-de-las-Mujeres-2017-pdf>

para mais uma geração que consome a vida e não a constrói. Entretanto a mudança está em nós, nos nossos passos, com na escuta, com a troca, na organização coletiva e horizontal, se dando força para continuar e caminhar sem depender diretamente do Estado e de outras organizações que não pensam n@s de baixo.

Mesmo com toda e situação, aqui não pretendo levantar e ideia de consolo, mas sim trazendo a potência que somos no existir. Trouxe minha experiência no Mais Educação como alento e fissura na estrutura que vivemos. Afetos, escutas, aprendizados, outras percepções de existir, fazem parte da educação. Creio que aí esteja nossa principal arma para romper algumas barreiras, construir outros mundos. Sem muita fórmula, mas com ganas de construir, sabendo que o erro existe e com ele aprendemos e caminhar.

Figura 8: o afeto



Fonte: Acervo Google Imagens

É embate constante com sua própria existência. Assim me despeço de vocês, deixando um até logo e desejando uma vida cheia de transformações, com passos firmes que tenham vontade de seguir sonhando.

REFERÊNCIAS

- ALGEBAILLE, Eveline Bertino. *Escola pública e pobreza no Brasil: ampliação para menos*. Rio de Janeiro: Lamparina, Faperj, 2009.
- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Rev. Bras. Ciênc. Polít.* [online]. 2013, n.11, pp.89-117
- BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC, 2004b.
- BRASIL. Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal n. 10.639/03. Brasília: MEC/SECAD, 2005
- BRASIL. Programa Mais Educação: Gestão Intersetorial no Município. Brasília, 2008.
- BRASIL. Programa Mais Educação: Gestão Intersetorial no Território. Brasília, 2009b.
- BRASIL. Educação Integral: texto de referência para o debate nacional. Brasília, 2009c.
- BRASIL. Rede de Saberes Mais Educação: pressupostos para Projetos Pedagógicos de Educação integral. Brasília, 2009d. BRASIL. Projeto de Lei nº 8.035 – PNE (2010-2020) – em tramitação. Brasília, 2010a. BRASIL. Decreto nº 7.083, de 27 de janeiro de 2010. Brasília, 2010b.
- BRASIL. Proposta de Emenda Constitucional n. 134 (em tramitação). Brasília, 2007b.
- BRASIL. Portaria Interministerial nº17, de 24/04/2007, Brasília, 2007c. BRASIL. Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação. Decreto nº 6.094 de 24/04/2007, Brasília, 2007d.
- CARTILHA ME: portal.mec.gov.br/dmdocuments/passoapasso_maiseducacao.pdf
- CHAUVEAU, A.;TÉTARD,P. “Questões para a história do presente”. In CHAUVEAU, A; TÉTARD,P. (orgs). *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999.
- ENLACE ZAPATISTA: <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/>
- FANON, Frantz. *Los condenados de la tierra*. México: Fondo de Cultura Económica, 2003.
- GADOTTI, Moacir. Projeto político Pedagógico. *Educação em Revista*, RS: SINEPE, ano III, nº 13, p.p 14-31,1999.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, N°. 92/93 (jan./jun.). 1988b, p. 69-82.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGUÉL, R. (Orgs.) El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 127-167.

MEC/ SECAD. Rede de Saberes Mais Educação: pressupostos para Projetos Pedagógicos de Educação integral. Brasília – DF, 2009c.

MEC/SECAD. Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília: MEC/SECAD, 2005. p. 167-184.

MIGNOLO, Walter. Histórias Globais/projetos Locais. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. MIGNOLO, Walter. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, E. (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 71-103

PORTAL MEC, cidades educadoras:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9272-apresentacoes-rede-brasileira-cidades-educadoras-pdf&category_slug=outubro-2011-pdf&Itemid=30192

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. In: CASTROGÓMEZ, S.; GROSGUÉL, R. (Orgs.). El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 93-126.

WALSH, Catherine. Interculturalidad y colonialidad del poder. Un pensamiento y posicionamiento ‘otro’ desde la diferencia colonial”. In: WALSH, C.; LINERA, A. G.;